

A Presença do Revirão¹

MD Magno²

Resumo: Exemplos da presença do Revirão na humanidade. Nos sonhos, os quais não pensam com palavras (no consciente, a expressão conceitual, e, no Inconsciente, a instância conceitual). Na relação do perspectivismo dos ameríndios com o relativismo dos europeus, que supõe um lugar terceiro em que ambos possam ser pensados juntos. Em São Sebastião, cuja iconografia o coloca oscilante entre salvador e desejado. E no conhecimento, pensado como resultante de uma transa recíproca e quiasmática entre formações, cada uma com seu pólo, foco e franja.

Palavras-chave: teorias da comunicação; conhecimento; psicanálise

Abstract: Examples of the presence of *Revirão* (loop) among humanity. In dreams, which do not think through words (in conscience, the conceptual expression, and in the Uncounscious, the conceptual instance). In the relation of the Amerindian perspectivism to European relativism, which supposes a third place where they could be thought altogether. In Saint Sebastian, whose iconography places him torn between savior and desired. And in knowledge, conceived as resulting from a reciprocal and chiasmic transaction between formations, each with its pole, focus and fringe.

Key-words: communication theories; knowledge; psychoanalysis

O sonho não pensa com palavras

Como sabem, a *Interpretação dos Sonhos* é datada de 1900, o que é bem o começo da psicanálise. Na página 318 – costume usar a *Standard Edition* inglesa –, já no final do volume IV, diz Freud: “a alternativa ou...ou não pode ser expressa nos sonhos”. Lá, isso não funciona. Um pouco mais adiante diz: “o trabalho dos sonhos falhou em estabelecer um palavrório unificado [*unified wording*] para os pensamentos do sonho...” Como sabem, Freud mostra que há o pensamento do sonho e as palavras do sonho, as quais tentam explicar o pensamento do sonho. Isto é importante, pois o que está sendo dito é que o sonho não pensa com palavras. Ou seja, ao contrário daquilo em que Lacan insiste ao colocar tudo na conta das línguas, desde o começo Freud diz que os pensamentos do sonho não encontram uma falação, um palavrório, palavras unificadas, para se fazer entender. Então, efetivamente, o pensamento do sonho não pensa com as palavras com que falamos do sonho, não se põe em palavras tal qual. Continua ele: “...que poderiam ao mesmo tempo ser ambíguos, e as duas principais linhas do pensamento, conseqüentemente, começam a

¹Texto retirado da sétima seção do Falatório do autor realizado em 08 de agosto de 2009.

²Psicanalista. Professor aposentado (UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes/ Paris VIII. Email: mdmagno@novamente.org.br

divergir mesmo no conteúdo manifesto dos sonhos”. Do que estará ele falando?

“Em alguns exemplos, a dificuldade de representar uma alternativa é superada dividindo-se o sonho em duas peças de igual tamanho” – como parece que tem duas linhas de expressão, o sonho às vezes se divide em dois pedaços. Em outro lugar, não lembro qual, ele chega a dizer que mais frequentemente o segundo pedaço é o primeiro. Por que estará ele dizendo isto? Continuando: “O modo como os sonhos tratam a categoria dos contrários e dos contraditórios é fortemente notável [*highly remarkable*]”. Vejam que não diz que é apenas notável, e sim que é altamente notável. “Parece não existir *não* no que diz respeito aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular pela combinação dos contrários em uma unidade ou por representá-los como uma única e mesma coisa”. Não se dá atenção a essas coisinhas de passagem. Pode parecer que ele está falando de umas esquisitices do sonho, mas há tempo acho – se não, não teria dito o que digo – que são fundamentais. “Os sonhos, além disso, se sentem livres para representar qualquer elemento pelo desejo contrário a ele. Sendo assim, não há modo de decidir à primeira vista quando qualquer elemento que admite um contrário é representado no pensamento do sonho como positivo ou como negativo”.

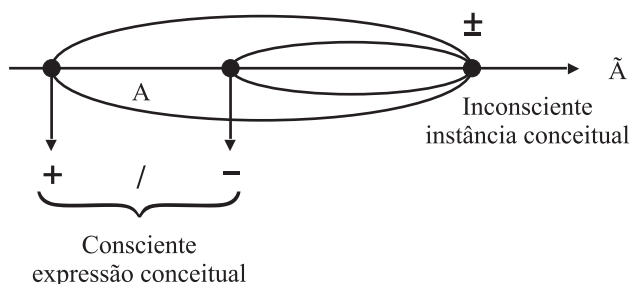
Saiam dessa! É textual, é o começo da história da psicanálise. Como foi possível abandonar isto com tanta facilidade? Como se dá o pensamento do sonho de maneira que ele não se apresenta do mesmo modo que se apresentam as palavras capazes de narrá-lo, as ambigüidades são plenas, os contrários parecem estar unidos em uma coisa só, e frequentemente esta coisa diz ao contrário de tal modo que não dá para saber se está no positivo ou no negativo? Como funciona essa máquina? Hoje, quero apenas mostrar a presença do Revirão na cabeça das Pessoas.

A instância conceitual

Anos depois, em 1910, Freud escreve um texto que vocês certamente já conhecem e que é dos mais interessantes em sua obra: *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita por Homens*. Só fala de homens, não sei por que não quer falar de mulheres já que são iguaizinhas. Neste texto ele faz pior do que no da *Interpretação dos Sonhos* ao tentar entender a escolha de objetos feita pelo tipo que está estudando, na qual a relação mãe / prostituta é tomada como se fossem dois opostos. Freud quer demonstrar que são a mesma coisa – como todos sabem, aliás, pelo menos neste caso... E é mais espantoso o que ele diz aí: “...essa relação do nítido contraste entre ‘mãe’ e ‘prostituta’ vai nos encorajar a inquirir sobre a história do desenvolvimento desses dois complexos e da relação inconsciente entre eles, uma vez que, há muito tempo, descobrimos que” – atenção!, pois não me consta que assim deste modo isto tenha sido dito antes – “o que,

no consciente, se encontra clivado (*split*) num par de opostos freqüentemente ocorre no inconsciente como uma unidade”. Nas citações anteriores não deixa de ser o mesmo que está sendo dito aqui, mas não com todas estas letras. Lá ele dissera que o pensamento do sonho é compacto e que a fala sobre este pensamento é cindida. Aqui, diz que o que no consciente é dito e aparece clivado, em oposição, no inconsciente é uma coisa só.

Vejam que ele está dizendo o que tenho repetido há um tempo:



O pensamento dos sonhos é em (\pm) e a fala do sonho é em ($+/-$), a articulação possível dentro das linguagens, que tenta exprimir a consciência, é em ($+/-$) e a articulação inconsciente é em (\pm). Rebatendo Lacan, ele está dizendo que o significante da língua não diz o que é o pensamento inconsciente. Ou seja, se há significante, é um halo por completo (\pm), que se apresenta languageiramente clivado ($+/-$), mas que, em sua forma originária, é compacto.

Então, que conselho dar a um lingüista, a um Chomsky que procura uma estrutura profunda? Sonhe o suficiente e junto com o sonho, pense que a estrutura profunda da língua é esta (\pm), e não aquela ($+/-$). Melhor dizendo, a palavra da linguagem – se é que podemos dizer isto – no Inconsciente não está em dicionário algum, não está expressa em língua alguma, pois ela diz ‘*vupt* mais-ou-menos’ (\pm), ela diz ‘*isto* prostitutamãe’. Isto mudaria inteiramente todo pensamento sobre a lingüística. O Inconsciente articula como fazem certas línguas indígenas, por exemplo, e outras que nunca ouvi falar. Ele articula com o nome de algo que pode ser isto (+) ou isto (-). É um conceito, um significante, para falar em termos de Lacan, que é para mais ou para menos (\pm). Ou seja, no Inconsciente, no cérebro, a coisa não funciona como bonito/feio. Há um nome lá que não sabemos dizer e que, ao comparecer, traduzimos por ou bonito ou feio, dependendo do que a língua quiser fazer. A articulação original da linguagem, que não se dá em nível languageiro, é sempre de um *halo* significante, como chamei (\pm).

Como essa articulação originária tampouco é sintagmática ou paradigmática, não é possível querer entender o funcionamento do Inconsciente pelo modo clivado, opositivo, com que as línguas comparecem. Digo mais, com que as linguagens *podem* comparecer. Há certas possibilidades de articulação de linguagem – por exemplo,

articulações plásticas, nas artes plásticas ou em outro lugar – em que temos maior facilidade, entretanto, mesmo assim, com extrema dificuldade, pois uma cor é uma cor, e não a contrária, uma linha reta não é uma linha curva. Se quiserem, leiam a este respeito um livro chato, mas instrutivo, de Kandinsky (1866-1944), originalmente publicado em 1911 e intitulado *Do Espiritual na Arte*, e também a pedagogia de Paul Klee (1879-1940), *Théorie de l'Art Moderne*, com suas aulas na Bauhaus. Torna-se evidente que o artista, ao ensinar, mostra que pensar uma linha, por exemplo, é pensar uma linha, nem reta nem curva.

Estou dizendo, então, que, em diversos textos – *Significação Antitética das Palavras Primitivas* (1910), *A Denegação* (1925), etc. –, Freud chega a mostrar que conscientemente é em (+/-) e inconscientemente é em (±). Ele sempre pensou assim, mas não observei isto capturado em Lacan, como devia. Lacan fala em *Spaltung*, em *Splitting*, mas não mostra que a linguagem, se é que é linguagem, ou melhor, que o inconsciente não é (+/-). Ele até insistia em dizer que o significante de que falava não era o de Saussure, mas não explicava que o significante não é nem ao menos a oposição alélica. A meu ver, o halo significante que se apresenta – Freud diz *unificado*, mas de forma errada, pois não há unificação alguma – é o Terceiro lugar que deu o nome da situação e que pode ser para lá ou para cá. Esse Terceiro lugar é o entendimento de algo que pode ser dito (+) ou (-), dependendo do caso. Por isso, Freud mostra a ambigüidade em estado nascente. Por exemplo, no caso do cara que não sabe se quer a mãe ou a puta – porque são a mesma coisa: ele quer *aquilo*, que pode ser mãe ou puta.

Vejamos as implicações disso com o que chamo *conhecimento* de modo estrito, o qual funciona no nível do *halo significante*, podendo ser articulado para (+) ou para (-). Freud fala mesmo “positiva ou negativamente”, ele *algebriza* o significante. Portanto, faz enorme diferença pensar nas articulações de modo estritamente obediente à ordem linguageira comum ou obediente à ordem conceitual do Inconsciente. É o esforço que fazem poetas quando se dão conta de que não há oposição entre as duas posições do mesmo conceito. Pode-se forçar a oposição, mas a concepção não é opositiva. Por isso, falo em um Terceiro lugar, onde não há oposição e não se trata de *coincidentia oppositorum*. Daí eu não gostar do modo como Freud fala ao dizer que os dois estão juntos. O conceito é *halo* e pode ser endereçado para (+) e para (-): são expressões positiva e negativa do mesmo conceito. Por isso, é difícil lidar com o Inconsciente ou discutir no nível social com base no que pensa a psicanálise. Ninguém suportará pensar que sua mãe seja uma puta. Numa peça baseada num filme de 1971 de Fassbinder (1945-1982), montada aqui no Rio por Fernanda Montenegro, *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*, a personagem, no decorrer de uma discussão do que a mãe teria feito da vida,

conclui: “mamãe você é uma puta”.

A língua é sintomática, imediatamente diz um lado só. Isto porque as articulações do Haver sofreram Quebra de Simetria para se constituir como tais. O próprio Primário é cindido. Por exemplo, não se pode ter uma célula sobrevivendo com indiferença alimentar, ela tem exclusões imediatas. O Haver se constituiu com suas formações mediante Quebra de Simetria: a anti-matéria foi embora; se existe matéria escura, está excluída... Repetindo, então, as formações do Haver para se constituírem, isto é, para o Haver não ficar neutro, em sua indiferença que suponho originária, para se diferenciar, ele teve que sofrer uma Quebra de Simetria. Portanto, exclusão, mediante recalque. O que diz o recalque? Aqui você não entra. Assim, quanto mais antiga for nossa posição, quanto mais perto do Primário, quanto mais primitiva a cultura, mais lidamos imediatamente com razões primárias. É nesse momento de exclusão que a língua se constitui. As pessoas vão pensando, aparecem aquelas que pensam um pouco mais do que outras, entre elas alguns poetas, que começam a se dar conta de que a ordem original – originária, no meu dizer – não é assim, então começam a querer forçar contra a exclusão, contra o recalque. Isto porque o retorno do recalcado lhes mostra o contrário. Por que, então, alguém, em sua relação passional com a mãe, quereria a puta? O que aconteceu com ele?

O Revirão na antropologia

Tenho em mãos o livro *A Inconstância da Alma Selvagem* (São Paulo: Cosac & Naif, 2002), de Eduardo Viveiros de Castro. Nunca tinha lido nada dele, que é alguém inteligente da antropologia no Brasil. Recomendo que leiam pelo menos o capítulo *Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena* (p. 345-399). É interessante seu estudo, em que vemos as influências estruturalistas e também a discussão dessas coisas. Não estou interessado em discussões antropológicas, e sim especialmente em seu trabalho com os ameríndios na Amazônia realizado segundo o que chama de *perspectivismo*, que não sei se foi ele quem inventou em antropologia. Ele quer demonstrar que não é mero relativismo, pois este é o ponto de vista intelectual, mental e ocidental a respeito das diferenças antropológicas. Ou seja, há um relativismo cultural aceito pela constância de uma mentalidade ocidental subjetivista e intelectualista.

Ele percebe que o ocidental não podia de modo algum entender a cabeça dos indígenas amazônicos, pois os abordava com sua própria maneira de ver. Maneira esta que ele põe na oposição entre espírito e corpo, alma e corpo, pensada com a constância do espírito, ou seja, de que todos os homens são iguais por terem a mesma estrutura mental e, se fazem diferente, é um relativismo cultural. Mas os índios nunca pensaram assim, não acham que todos os homens e seres vivos sejam diferentes culturalmente, e

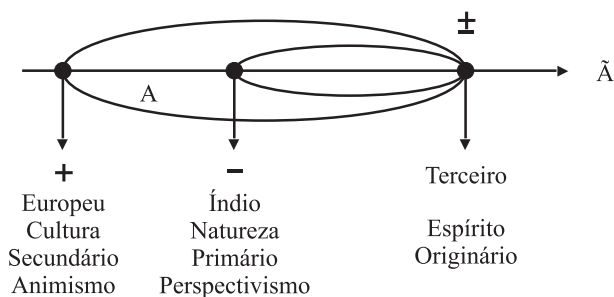
sim que são diferentes corporalmente. Os europeus queriam saber se os índios tinham alma. Este era o problema deles, pois se índio tiver alma será igual a nós. Então, trata-se apenas de um relativismo cultural. Como os índios têm certeza de que todos têm alma, inclusive os animais, o que têm de diferente é o corpo. Portanto, não são relativistas, e sim perspectivistas: entendem o mundo a partir da constituição corporal, ou seja, a partir do que o ocidental chamaria de animal. Isto porque, para eles, todos têm alma, têm espírito, inclusive os espíritos. O índio diz que, do ponto de vista da onça, onça é gente, e ela entende tudo segundo seu ponto de vista *gentil*. Isso é longamente discutido do ponto de vista antropológico. Leiam porque é bonito.

Ao final do capítulo (p. 398-399), o autor traz algo quanto à diferença entre europeu e índio para o que ele próprio não tem ferramenta para pensar. Diz que há que pensar que, assim como o compasso para fazer uma curva precisa das duas pernas, deve ter um lugar terceiro desde onde isso possa ser pensado em conjunto. Sua metáfora é de que o compasso “deve ter uma de suas pernas firmes, para que a outra possa girar-lhe à volta”, mas em cima é um só: “...não devemos esquecer em primeiro lugar que, se as pontas do compasso estão separadas, as pernas se articulam no vértice: a distinção entre natureza e cultura gira em torno de um ponto onde ela ainda não existe”. Ou seja, ele faz a metáfora do compasso para falar do Revirão, que ele não conhece. Fica supondo um pensamento que possa se dar na haste, no ângulo do compasso, um pensamento que possa se dar no nível em que a oposição europeu / indígena seja anulada, pois estão pensando a mesma coisa, um com a perna presa à natureza e outro à cultura. Vejam, então, como é interessante verificar que ele está pensando hoje e procurando essa coisa no campo da antropologia.

Europeus: terceiro império – índios: segundo império

Há algo que ele também não sabe por não caber em sua ferramenta. A oposição interessante, a meu ver, é que os índios que ele apresenta pensam no nível do Segundo Império e os europeus no de Terceiro Império. Os índios têm organização social, com paternidade, etc., mas ainda estão no Segundo Império que, como sabem, é rachado entre o Primeiro e o Terceiro. A referência deles para pensar esse tipo de coisa é ainda a diferença no Primário. Os europeus já esqueceram a diferença no Primário e estão articulando apenas a diferença no Secundário. O autor fica, então, tentando explicar isto, fazendo um grande esforço metafórico e fico achando que lhe falta a ferramenta. Poderíamos, aliás, fazer contato, como se fosse uma tribo diferente... Sempre soube que ele é um cara porreta no campo, mas é a primeira vez que o leio. Se tivesse a ferramenta do Revirão, talvez facilitasse. É interessante ver como ele percebe essa oposição e o

lugar conceitual terceiro, mas não se dá conta de que, no Segundo Império, você pode se permitir articular a partir da diferença primária, que é o que o índio faz. Efetivamente diferente é o corpo, pois a alma é igual, e o índio não está falando bem de Espírito, que seria o Revirão, e sim em alma, ou seja, articulação que tem consciência. Animal tem consciência, tem alma, *anima*. Gente é animal, ou seja, tem *anima*, uma articulação que pode ter consciência do que está em volta.



Diz ele que é preciso entender que o sangue humano é o cauim do jaguar e que o barranco de lama é a rede da anta. No perspectivismo trata-se de como a anta vê o mundo (aliás, basta ir à universidade para saber isto...). Acontece que o psicanalista precisa saber pensar como uma anta, um jaguar, um índio... Por exemplo, ao lidar com criança na análise, reconhece-se facilmente que ela é um verdadeiro índio. O perspectivismo da criança é um perspectivismo de animal, mais para o Primário. Poderíamos dizer que a criança é perspectivista, e não animista. O autor faz questão de mostrar que o perspectivismo é radicalmente diferente do animismo e que este é um princípio que está do lado do europeu.

Vemos, pois, como nossas ferramentas podem estudar as coisas e reconhecer cada vez mais o funcionamento do Inconsciente em várias áreas e tratamentos. É, aliás, o trabalho que há a fazer: aplicações e verificações da rentabilidade da ferramenta.

O conhecimento dos índios e da ciência

Diríamos, por exemplo, que a teoria do conhecimento dos índios está falando de conhecimento? Sim. Eduardo Viveiros de Castro chega a tocar no assunto quanto à epistemologia do indígena. É uma maneira de conhecer. Os animais conhecem coisas, não no nível de nossas possibilidades de reviramento por serem mais estritos do que nós quanto à possibilidade de outragem. Mas o saber de um jaguar é um saber perfeitamente constituído e é um conhecimento, o conhecimento que tem o jaguar e que posso aprender dele. Os etólogos observam vários tipos de animais quanto à possibilidade de detectarem tremor de terra, tsunami ou erupção de vulcão. É um conhecimento. Lacan fazia questão de diferenciar saber de conhecimento. Se isto quiser dizer que o saber não revira sozinho,

tudo bem, mas para mim é tudo conhecimento, com ou sem Revirão. Mais do que isso, há especificações de conhecimento. Em nosso campo de Terceiro Império ainda em vigor, os filósofos – cujo rei é Immanuel Kant, e de lá para cá isso ficou muito Kantado, para não dizer kantiano –, as epistemologias ficam girando em torno do rabo querendo saber com precisão, com limitação absolutamente dentro do campo da clivagem da linguagem, o que é e o que não é ciência. Isto é besteira, pois a franja não deixa sabermos onde começa um e onde termina outro. O possível é, sim, pensar, pelo menos, o pólo científico em sua focalização, isto é, tentar dar uma descrição mais ou menos aproximada do que seja um conhecimento focalmente científico.

Em minha simplória opinião, o que caracteriza o pólo científico é o princípio da magia. *A ciência é a herdeira imediata da magia.* Quando falo em magia, entra aí a idéia de milagre nas religiões, por exemplo. A magia pretende intervir imediatamente no Primário. Até hoje, para canonizar alguém, a Igreja Católica quer uma prova de intervenção imediata no Primário. É o princípio da magia: a gente faz “ôhômôh” e a chuva cai – este é o princípio da ciência. Só que ela entendeu que, para praticar a mágica, precisa dar uma volta pelo Secundário e produzir próteses para intervir no Primário. Isto é o que dá o pólo e focaliza o pensamento científico. Repetindo, o pólo da ciência é o pólo da magia. O que focaliza a ciência é a tentativa de intervenção no Primário, só que, ao invés de querer imediata intervenção no Primário, ela mediatiza pelo Secundário com produção de próteses. Por isso, quando falamos em “ciências humanas” fica vago. “Humano” aí já é secundário demais. Então, quando as ciências ditas humanas perdem esse foco científico, vão pedir emprestado um foco das ciências mais duras. Buscam uma metáfora, uma exemplificação na física, na biologia, em algum lugar mais duro para poderem dizer que têm base biológica, física.

A única saída que tem a teoria de Chomsky é procurar pelo que chamo de Revirão numa base biológica. Ele chama de “órgão da linguagem”. É um órgão que há mesmo, só que não fala línguas. Depois, ele se articula languageiramente para fora mediante a experiência que temos com a clivagem no Primário. Como disse há pouco, a clivagem no Primário é responsável pela clivagem na língua. Não é possível lidar com as formações do Haver na indiferenciação, pois elas jamais se apresentam com indiferença. Quem apresenta a indiferenciação é esta nossa espécie. Não com facilidade, mas espontaneamente pode apresentar.

Sebastião: salvador / desejo

Acabei de ler um livro que, mês passado, achei por acaso na livraria, *Sébastien le Renaissant* (Paris: Lagune, 1998), de Jacques Darriulat. Se tiverem o saco de

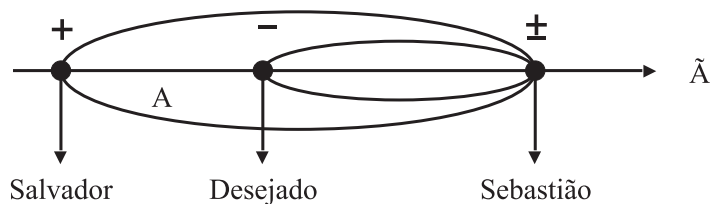
lê-lo, até entenderão o livro que publiquei em 1978 intitulado *Sebastião do Rio de Janeiro* (RJ: Tempo Brasileiro). Como sabem, Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro. Corretíssimo, pois nada mais parecido com ele do que São Sebastião. Mas o interessante é que o autor faz um estudo da iconografia de São Sebastião, que é algo que tem um prazo, já que, depois, ele cai em desuso e é destronado por São Roque, que era “mais decente”, todo vestidinho. Sebastião era aquele garotão gostoso, e é justamente isto que ele quer mostrar. O livro é muito bonito, de texto mas também de arte, cheio de reproduções dos trabalhos mais importantes sobre Sebastião até o final do Renascimento, passando pelos maneiristas. No século IV, momento da peste negra, é que há a emergência de São Sebastião (256-286), que fica sendo o santo a quem as pessoas rezam para se livrar dela. O problema é que, por insistir no cristianismo antes de este tomar conta do Império Romano, ele é executado, flechado, pelo imperador Diocleciano (244-311). Chama-se *sagitação* o ato de matar alguém com flecha. Ser morto com flecha é um golpe sagitário, pouco importando se a flecha venha do arco ou da besta, da *arbalète*, como se diz em francês.

Uma das histórias que o autor não toca ou comenta – parece recalque – é que o imperador mandou flechar Sebastião porque não quis dar para ele, imperador, que ficara apaixonado. O autor apenas diz que o rapaz era cristão e se recusou a cumprir ordens do Império, criando sério problema com a religião deles, o paganismo. Bem, seja pelo que for, mandaram flechar o rapaz e ele vira o santo que poderia salvar da peste. No Brasil, costuma-se terminar a história aí: ele é flechado e morre. Mas justamente a lenda é de que ele não morre, e sim ressuscita. Ele morre depois, de outra coisa. Por isso, sempre vemos Sebastião numa posição em que parece pouco se incomodar com as flechadas: aquele garotão maravilhoso cagando para as flechadas do imperador. O autor mostra todo o processo de Sebastião virar o santo para salvar da peste, pois a peste eram as flechas divinas mandando executar a humanidade, mas que também têm o sentido simbólico do desejo, do olhar. Resumindo, mostra como Sebastião vai mudando de posição até virar um Apolo, quase um deus grego, quando o Renascimento faz renascer o tesão grego pelos corpos, sobretudo os corpos adolescentes. Então, Sebastião vira um adolescente maravilhoso e a pintura parece ter sido feita para dar tesão.

Isto é bem demonstrável no caso de Yukio Mishima (1925-1970) – assunto em que o autor também não toca –, escritor japonês com cara de nazista que se fez executar para manter a honra. Mandou que seus discípulos o decapitassem. A história de Mishima, e sua história como escritor, começou quando, adolescente, deparou-se com a imagem de São Sebastião e deu-lhe um tesão tal que ele se masturbou imediatamente. Daí deslanchou todo seu processo de afirmação homossexual e literária. Isto é interessantíssimo na

história de Sebastião. Interessante também, pois cabe perfeitamente no que o autor coloca, é que Sebastião passou de ser o santo que salvava da peste para ser o santo da adoração erótica, que representava o desejo que não morre.

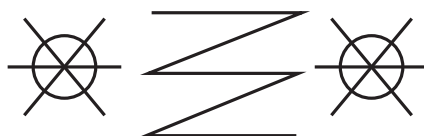
O que interessa para nós é situar o Sebastião no Revirão: o santo da pureza que salva da peste e o santo que reproduz o desejo erótico das pessoas e parece estar lançando as flechas desejantes contra os fieis. Estão aí de novo o quiasma e a duplicidade:



Sebastião está em (±), tem dois nomes: Sebastião, o salvador (+); e Sebastião, o desejado (-). E como ele suscita o desejo, leva mesmo para o inferno. O autor diz bem que ele é o Diabo atormentando: as pessoas vão rezar... e ficam com tesão. A pessoa se ajoelha diante dele para pedir a salvação e quando vê está indo para o inferno carregado pelo santo. Aliás, Lacan também fala desse quiasma em relação à pintura, ao sujeito que está no quadro, etc., mas não explica tão bem como o autor, que explora melhor.

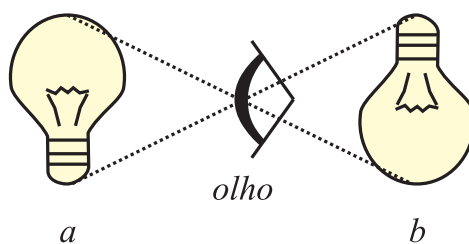
Teoria do conhecimento

Quando paro de pensar na oposição sujeito-objeto e digo que o que importa é reconhecer uma transa recíproca e quiasmática – de um lado, um pólo, com seu foco e sua franja, e, de outro, outro pólo com seu foco e sua franja –, quero dizer



que conhecimento é transa recíproca entre pólos, com focalização e franjalização, sem sujeito ou objeto. Quais formações estão em jogo nessa transa? Estão completamente? Não, pois não é possível acompanhar as franjas. Então, a relação é sempre quiasmática: não é entre sujeito e objeto, nem entre imagem e olho, e sim entre formações.

A visão é boa para exemplificar o que acabei de dizer. Temos um objeto, digamos uma lâmpada acesa, e o olho. Aristóteles dizia que um raio sai do olho, chega ao objeto e é por isso que o olho percebe. Não está errado. O Renascimento e a óptica buscarão demonstrar o contrário, que o objeto (a) será representado de forma invertida no fundo do olho (b) porque os raios luminosos saem do objeto e atingem o fundo do olho através da lente:



Então, a forma (*b*) é a forma (*a*) quiasmaticamente desenhada. E o que acontece efetivamente na transa entre essas duas formações? Raios visuais olham para lá, pois, se não olharem, não verei. Por isso, posso dizer que Aristóteles está certo: tenho que emitir raios visuais, ou seja, aplicar meu olhar, para que eles coincidam com raios luminosos, para que, na transa entre a formação (*a*) e a formação chamada olho apareça o quê? Conhecimento – o qual não é conhecimento *disso*, é *conhecimento-isso*. Não é que o olho conheça a imagem, e sim que há conhecimento nisso: transa de duas formações. Vejam que, se não emitir meus raios visuais, não verei nada. Emitir raios visuais é aplicar o olhar para algum lado. Como coincide com os raios luminosos, então se dá um conhecimento. Conhecimento *do quê*? Não há conhecimento *do quê*, há *conhecimento-o-quê*. O que faz a impressão errônea das epistemologias é achar que há conhecimento disso ou daquilo, mas o que há é *conhecimento-isso* ou *conhecimento-aquilo*. E sempre num regime de polarização que é ulterior em relação ao fundamental, que é o conceito pleno e em forma de halo desse acontecimento.

Por que alguém tem alucinações e vê coisas? Porque, em algum lugar, o conhecimento-isso se apresentou numa situação completamente fora do habitual da transa entre formações. Mas, em algum lugar, aquela formação está para comparecer como conhecimento para o louco. Ele está vendo um troço que não existe? Isto não é possível. São registros que estão em algum lugar dentro do cérebro e que comparecem.

O importante é mudar a visada para poder dizer coisas como “é conhecimento”, “é linguagem”. É preciso se retirar do campo da exclusão viciosa através da separação sujeito-objeto, até mesmo das idéias de sujeito e de objeto. Aí sim estaremos vendo as constelações dançando. O que quero mostrar aqui é a eficácia da maquininha, a eficácia do conceito de Revirão.